Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio Editorial
Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.
DE00442018AN

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

28 de Março de 2020 • Ano LXXVII • N.º 1984
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O Pobre

ESTE, que vivemos, é um momento histórico que ficará, indelevelmente, a marcar a vida e o tempo dos nossos contemporâneos. Falo da epidemia que grassa e que é incontornável.

Certo é que nos últimos anos têm sido várias as epidemias que têm surgido no planeta dos homens. No entanto, até esta que agora nele se estende, iam ficando confinadas a fronteiras limitadas. Mas, devido à muito grande mobilidade de pessoas por todo o planeta, agarrou-se-lhes, tornando-as os portadores e disseminadores da epidemia, transformando-a em pandemia.

As outras epidemias, me parece, desenvolveram-se em países pobres, ficando praticamente a eles restringidas e os infectados neles circunscritos.

Também na doença se manifestam as desigualdades sociais, nas causas das doenças e na amplitude que adquirem.

Para nós, que sabemos que a mundividência tem tido estes efeitos ao longo da história, sabemos também que os homens não têm sido capazes de lhe alterar o rumo. Impõe-se repetir o apelo, que tem sido constante, à mudança dos critérios de vida, pelo que só assim chegará ela a ser mais humana para todos.

Entrados no Tempo litúrgico da Quaresma, dele o mesmo convite a uma efectiva mudança de vida, pela rejeição de modelos onde o egoísmo domina em detrimento do Pobre carente do mais básico para viver.

Enquanto escrevo, recebo uma *sms* convidando a lavar as mãos com frequência. Sim, tenho de o fazer, por mim e pelos outros. Mas também me faz pensar naqueles que, neste e em muitos momentos e lugares, não têm água sequer para beber. Que fazer, já que o que pensar todos sabemos o que é preciso?!

O Pobre está no nosso meio e em todos os lugares da terra, como sinal eficaz por onde obrigatoriamente passa a extinção de todas as epidemias. Mais atenção ao Pobre, mais amor ao Pobre. Ele é a porta que pode abrir o mundo para horizontes de vida nova! ❑

MALANJE

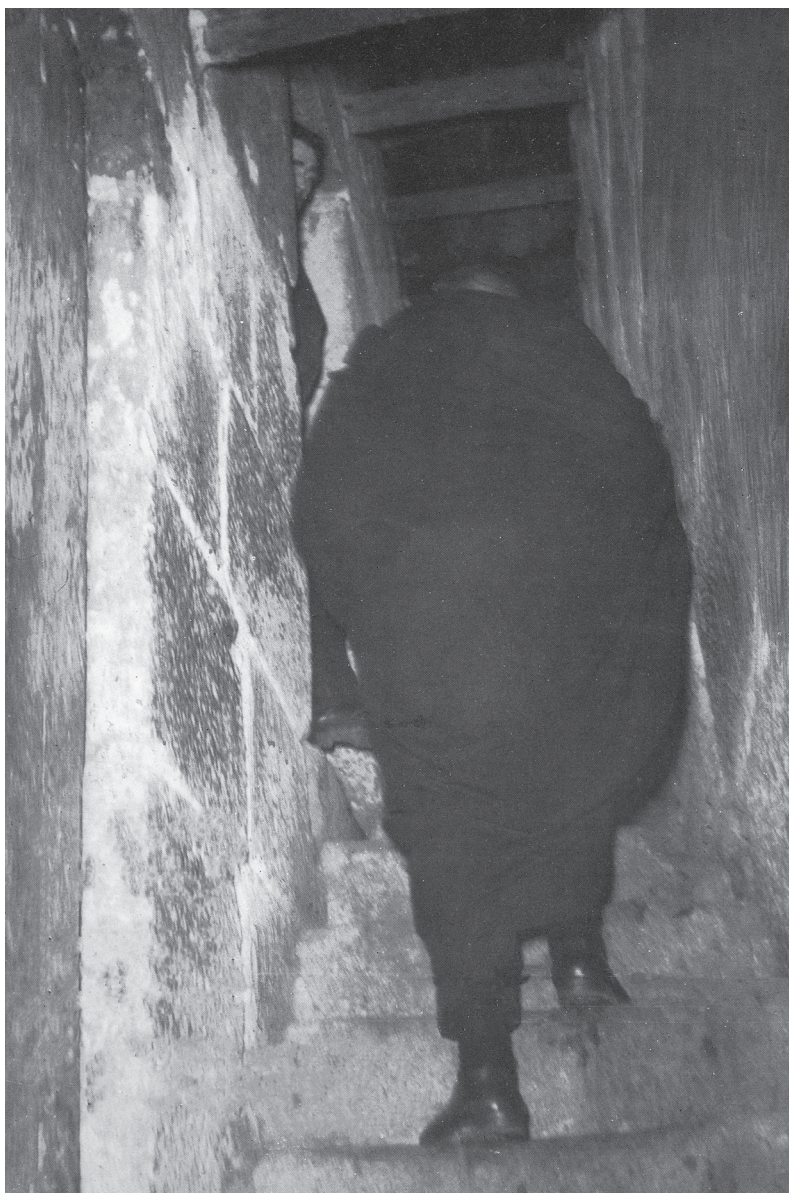
Padre Rafael

O *coronavírus* colocou em cheque a população mundial... No começo, a reacção de todas as pessoas era de incredulidade e banalização, mas tudo foi mudando à medida que os casos de contágio apareciam e pessoas morriam. Agora, com mais de 160 países afectados, é considerado uma pandemia e colocou muitos Estados em alerta máximo. Dentro do drama das mortes, os diferentes confinamentos e as diferentes restrições de todos os tipos, um grande senso de co-responsabilidade surge em todo o Mundo. Muitas pessoas estão aprendendo, mais uma vez, a fragilidade do ser humano e a necessidade de cuidarmos uns do outros.

No Calvário, estamos com um aviso na porta, há uma semana. Limitámos as entradas e saídas de pessoas e visitas. Praticamente somente os trabalhadores circulam. No início, ninguém entendeu esse tipo de medidas, e alguns consideraram-nas excessivas e alarmantes. Agora, são as autoridades sanitárias que as estão a exigir. Todas as medidas preventivas sempre serão a melhor opção.

Tudo isto acontece em um momento tão importante como é o início das obras de reabilitação no Calvário, marcadas para 24 de Março, aproveitando o facto de o Padre Fernando estar em Portugal. Estamos todos felizes, mas principalmente nossa Isabel, que todos os dias pergunta, ansiosamente, sobre as obras. O sonho dela, nos últimos anos, é o regresso dos seus amigos doentes… Um sonho que agora se tornou realidade para todos nós.

Do Calvário, queremos dar um abraço a todas as pessoas que hoje em dia estão confinadas em suas casas devido à pandemia e, especialmente, a todo o pessoal de saúde que hoje em dia precisa redobrar seus esforços e dedicação. E não esqueçamos nunca que, no meio de todas as situações de sofrimento, uma chama de esperança pode ser encontrada. ❑



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Outra pandemia

Os nossos irmãos que sofrem, estão presos à vida pelo fio de orações dos verdadeiros discípulos de Jesus, que são todos aqueles que provocam nos pagãos de hoje, o vede como eles se amam, dos pagãos de outrora.
Padre Américo

ESTA Quaresma é diferente, com mais sofrimento, pois andamos todos assustados com outra peste e há já muitas vítimas do *coronavírus,* por todo o mundo.

No século XX, ocorreram três pandemias — de gripe: a chamada *pandemia espanhola,* em 1918, causada pelo subtipo H1N1 do vírus da gripe A e que terá atingido cerca de um terço da população mundial, em que a I Guerra Mundial e a fome agravaram a elevada mortalidade; a *pandemia asiática,* em 1957; e a *pandemia de Hong- Kong,* em 1968, causadas respectivamente pelos subtipos do vírus H2N2 e H3N2, sendo que ambas provocaram cerca de três milhões de mortos.

Os vírus são organismos microscópicos, que se caracterizam pela sua extrema pequenez (1 a 100 vezes mais pequenos do que as bactérias) e por invadirem as células hospedeiras vivas dos organismos, reproduzirem-se e iniciarem mutações. Tornaram-se graves problemas para a saúde humana quando as pessoas passaram a viver em grandes comunidades e as viagens globais aumentaram, sendo grandes vias para os vírus se propagarem num ápice pelo nosso planeta. Julga-se que os morcegos, animais gregários, são portadores de grande variedade de vírus. Para se evitarem as infecções, tem de se pôr as pessoas de *quarentena,* aumentar o isolamento social e a higiene: não tossir para cima de ninguém, evitar contactos próximos com outras pessoas e lavar as mãos com frequência.

O *coronavírus* foi identificado e diagnosticado, em seres humanos, pela primeira vez em Dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, Hubei, na China, sendo designado de COVID — 19, e já considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia. A Itália está a ser muito atingida por este surto epidémico, que se tem disseminado por muitos países, inclusive Portugal. As autoridades civis, sanitárias e religiosas têm dado directivas muito claras e excepcionais aos cidadãos e aos fiéis que todos devem atender, para se minimizarem as consequências nefastas da disseminação desta epidemia global.

Não escondendo receios, em face desta séria ameaça à saúde das populações e considerando as fragilidades próprias e desta comunidade que servimos, encontramo-nos em isolamento social. Os géneros alimentícios recebidos dos nossos amigos, em especial no tempo natalício, têm sido preciosos. Depois do encerramento das Escolas, os Rapazes têm várias possibilidades de ocupação, saudável: centro de estudo, e espaços para algumas tarefas, desporto e lazer. As saídas e as entradas são as estritamente indispensáveis e obrigatórias. É evidente que foram adiadas muitas deslocações, *v.g.:* Hospitais (consultas não urgentes), Tribunais de Menores, Segurança Social, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Embaixada, Conservatória, Finanças, Loja do Cidadão … Seguindo as indicações da Igreja em Portugal, nas celebrações eucarísticas deixaram de participar fiéis do exterior. É um tempo muito propício para viver uma verdadeira Quaresma de conversão e purificação, e para se terem muito presentes, na oração pessoal e familiar, as vítimas e suas famílias, bem como os cuidadores de saúde (médicos, enfermeiros e outros), para que os seus esforços ajudem a dominar mais este mal do nosso tempo, num mundo global.

Considerando os perigos e as dificuldades sociais, sirvam-nos alguns exemplos. É muito justo nomear o Dr. João Serras e Silva, grande médico português [Alcaravela — Sardoal, 15-I-1868; 8-IV-1956], citado por Padre Américo, numa interessante memória — *O Catolicismo e a higiene* — apresentada ao Congresso dos Médicos Católicos reunidos em Coimbra, em 26 de Maio de 1918, lembrou a importância da espiritualidade cristã como ajuda fundamental também para superar os medos: *A fé com efeito não contraria a*

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O CORONAVÍRUS E A ACTIVIDADE VICENTINA — Não se entenda o que vai ser dito a seguir como uma saudação ao aparecimento da pandemia do coronavírus. É imenso e não tem nenhuma compensação possível todo o sofrimento que esta pandemia já trouxe e vai ainda trazer para muitas pessoas e famílias contaminadas por ela e são muito negativos os impactos para a população em geral, tenha sido ou não contaminada por esta doença.

Dito isto, a pandemia está aí, infelizmente para durar um tempo relativamente longo até que surja remédio eficaz para ela. Por isso, para além de nos termos que adaptar a viver com este problema enquanto ele durar, também importa que saibamos reflectir, valorizar e incorporar com força nas nossas vidas individuais e colectivas os comportamentos que esta pandemia pode induzir em prol do Bem Comum.

Sem pretender ser exaustivo, vamos aqui referir alguns.

Podendo esta pandemia atingir qualquer pessoa e qualquer país, ela pode contribuir e já está a contribuir para que sejamos mais capazes e mais solidários para resolver um problema que nos pode tocar a todos. Isto pode ser muito positivo num mundo onde há forças muito poderosas que empurram no sentido contrário, ou seja, do individualismo.

Falar de solidariedade não adianta grande coisa quando se trata de conversa no abstracto, ou de erupções passageiras de generosidade colectiva. Ora o que há aqui de novo com esta pandemia é que o tipo de solidariedade que se exige não é essa. É a solidariedade que começa com o meu próximo, mais próximo: os nossos familiares, os nossos vizinhos, os nossos colegas de trabalho, as pessoas com as quais nos cruzamos directamente na rua.

Esta pandemia também exige a solidariedade que deve estar mais atenta aos mais vulneráveis: as crianças, os idosos, as pessoas com problemas de saúde que podem ser mais susceptíveis de agravamento com esta gripe.

Esta pandemia também tem mostrado que não interessa ser pobre, ou ser-se rico a passear num cruzeiro ou a passar outras férias de luxo: todos correm o risco de serem vitimados por esta gripe.

Só mais a referência a uma mudança de comportamento que a resposta a esta pandemia está a exigir. Naquilo que consumimos, estamos a ter que abdicar de alguns consumos supérfluos e a praticar mais a partilha solidária.

Todas as mudanças de comportamento atrás referidas convergem no sentido dos valores e da prática Vicentina: a partilha solidária ao serviço do cuidado do nosso próximo, a começar pelo mais próximo e pelo mais vulnerável, sem atender à sua condição social e lá onde vivem essas pessoas a quem podemos e devemos ajudar.

Saibamos todos Vicentinos e não Vicentinos sermos capazes de produzir o melhor remédio para este e para todos os outros males que afectam a Humanidade: amar a Deus sobre todas coisas e ao próximo como a nós mesmos!

Os nossos contactos ***(só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)***

Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Telem. 965464058 – E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
O nosso NIB: 004513424003543534043 ***(só para donativos para a Conferência e não para a Casa do Gaiato)***. ❑

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Depois das podas, nas latadas, foram plantadas varas de videiras, de uvas de mesa, que o nosso amigo Padre Daniel nos deu (e agradecemos). Foram limpas as oliveiras junto ao redil das ovelhas e nos bataréus, de frente para a rotunda Pai Américo. Na jardinagem, foram arranjados (com pés de arbusto e relva) os jardins inclinados a norte do nosso campo de futebol, onde se lê: *Miranda* e *O Gaiato*. No olival da mina, tem-se andado a limpar as infestantes à volta das oliveiras. No nosso rebanho, um cordeirito tem crescido, mas continua com a progenitora.

ESCOLAS — Devido à pandemia de *coronavírus,* as escolas fecharam. Então, não podemos sair de Casa, mas temos estudado e feito os trabalhos *on line* nas nossas salas de estudo. Também, por escalas, fazemos as nossas obrigações. Nos recreios, o futebol tem sido o *desporto–rei*.

ARRANJOS — No balneário (antigo), por baixo do refeitório, que foi arranjado (de trolha), começou-se a tratar da canalização (nova) para os chuveiros. Teve de ser colocada nova canalização para os esgotos das bancas da nossa cozinha.

OBRAS — Ficaram concluídas as obras de remodelação (em especial, pinturas) da nossa casa-mãe — quartos de dormir, sala e quartos de banho, em que se colocaram portas de vidro nos chuveiros. Então, os pequenitos deixaram o rés-do-chão e regressaram ao seu espaço. Nos quartos do rés-chão, foram retirados os tacos e rodapés (em mau estado) e colocaram-se mosaicos rectangulares (a imitar soalho). Os rapazes médios deixaram o 1.º andar e passaram para o rés-do-chão. Depois, nos quartos do 1.º andar, começaram as obras de remodelação: portadas de madeira, peitoris, aros das janelas e portas. No chão, os tacos e os rodapés foram retirados. Agradecemos muito os donativos que têm chegado para ajudar a pagar as despesas das obras e outras. O *mealheiro* é o mesmo: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; telef. 239 532 125; e-mail: gaiatomiranda@gmail.com ❑

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

SEMINARISTA — Chegou o nosso Adão «Pequeno», rapaz da Casa do Gaiato de Malanje e Seminarista da Diocese de Malanje. Ele veio para cá para continuar os seus estudos para, se Deus quiser, vir a ser padre dedicado à nossa Obra. Faz muito tempo que já não nos encontramos. Ele tem estado na nossa Casa do Calvário, com os nossos queridos Padre Telmo e Padre Rafael. Ele viajou para Portugal na companhia do sr. Padre Fernando. A viagem correu bem, só foi pena ter chegado nesta altura, com o coronavírus.

RAPAZES NOVOS — Vieram dois Rapazes viver connosco, para poderem frequentar o seu curso, integrados na nossa Comunidade. São o Elson e o Ivaldo. Eles são de S. Tomé e Príncipe, e estão muito satisfeitos por viver connosco. Desejamos que tenham bom êxito escolar apesar da situação criada pelo coronavírus, que interrompeu os estudos deles e dos nossos Rapazes.

TIPOGRAFIA — Andamos a fazer a manutenção de algumas máquinas e substituímos a lâmina da guilhotina para que corte melhor os trabalhos que vamos fazendo. Fizemos trabalhos para fora, respondendo às encomendas dos clientes que vão pedindo. Quando um jornal acaba de ser impresso, começamos a preparar novas resmas de papel para a edição seguinte.

FUTSAL — O último jogo do G. D. Casa do Gaiato foi de Juvenis, tendo corrido bem, apesar de estarmos a perder por 1-0 ao intervalo com a equipa de Rio de Moinhos. Na segunda parte os nossos jogadores entraram em campo mentalizados pelo treinador Bruno para jogarem para a reviravolta. Foi isso que aconteceu, chegando o fim do jogo com a nossa vitória por 4-1, com golos de Joel (2), Ratzinquer (1) e Fadul (1), o qual dedicou o seu golo ao nosso Padre Júlio. O problema do covid-19 tem vindo a prejudicar os nossos heróis de Futsal, que não mais puderam treinar como habitualmente, nem participar nas competições que estão suspensas. Agora temos jogado no nosso campo de futebol de 11, encurtando o campo com duas balizas pequenas, que o «Mendão» fez na nossa serralharia. É a nossa forma de responder ao «isolamento social» a que estamos sujeitos.

MATA — Temos andado a limpar a nossa mata e as bordas dos terrenos. A Associação Florestal veio colaborar connosco nessas limpezas, tratando nós de aproveitar as lenhas para mais tarde servirem para as nossas lareiras. No meio fica a chamada «Casa da Mata», onde Pai Américo ia fazer o seu descanso e meditar sobre a nossa Obra. De lá ele via toda a Aldeia, reparando como a nossa Aldeia é linda.

BATATA — O sr. Jorge, o Paulo «Mudo», o «Meno» e o Bruno fizeram a sementeira da nossa batata. Esperamos que ela desenvolva bem, para que mais tarde tenhamos uma boa colheita que encha o nosso celeiro de batata e chegue para o nosso consumo. ❑

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Não temos dado notícias, o que não quer dizer que tenhamos estado inactivos. Temos acompanhado e apoiado, em conjunto com a Casa do Gaiato de Miranda, um dos nossos associados com evidentes necessidades e um dos filhos de outro associado já falecido.

Marcámos presença em momentos significativos do Obra da Rua e também da Associação. Começando pelo octogésimo aniversário da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, nomeadamente os dias sete e onze de Janeiro. O primeiro dia mais para a comunidade local, o segundo mais a nível nacional. A Celebração Eucarística do dia onze foi presidida pelo senhor bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes. Em ambos os dias sentiu-se a presença amiga de muitos admiradores da Obra da Rua, particularmente da Casa do Gaiato de Miranda, a aniversariante. Tivemos a oportunidade de ouvir a voz e mensagem do nosso Venerável Padre/Pai Américo. Ocasião emocionante de sentir a paixão, adesão total, de Pai Américo a Jesus Cristo, servindo-O nas crianças, nos doentes e nos mais marginalizados. Foram dois dias festivos de aniversário com muita sintonia de acção de graças e votos de longa vida e bons frutos. Pedimos ao Venerável Padre Américo que interceda a Deus, por Jesus Cristo, para que sejam enviados operários para a sua messe.

Lembramos que, já depois das festividades de aniversário, faleceu o senhor Padre Cristóvão e o nosso associado Victor Manuel de Jesus Jorge. Marcámos presença em ambas as cerimónias fúnebres, em nome pessoal e em representação da Associação. A ambas as famílias manifestamos a nossa solidariedade na dor da ausência e a nossa gratidão pela colaboração e entrega que ambos, cada um a seu modo, deram à Obra da Rua e à nossa Associação.

Representámos ainda o colectivo associado no Encontro Celebrativo do Venerável Padre/Pai Américo, realizado em vinte e seis de Janeiro, em Paço de Sousa.

Sugerimos aos nossos associados que adquiram o livro – Ecos de Pensamentos de Padre Américo. É muito interessante. Uma compilação de extractos de escritos seus, seleccionados por admiradores da pessoa e obra de Pai Américo. ❑

COVID-19 (coronavírus)

Júnior, 16 anos

Este problema está a afetar todo o mundo, as escolas de Portugal foram fechadas por um tempo ilimitado por ordem do Governo nacional.

Aos Rapazes da nossa Obra foi dito os cuidados de higiene individuais que cada um deve ter regularmente para não se prejudicar a saúde comunitária.

Aos nossos Rapazes todos os dias é medida a febre e antes de cada refeição as mãos são desinfectadas com um detergente próprio para matar os vírus. Para que os Rapazes não caíssem na tentação de sair à rua nestes tempos difíceis, o sr. Padre foi bem explícito na proibição das saídas. Contudo, para controlar também o portão principal, que costumava estar sempre aberto, foi colocado a vigiar aquele local o nosso sr. guarda Carlinhos que tem feito muito bem o seu trabalho.

Eu e os meus companheiros da Obra, nas horas de trabalho ocupamo-nos a cortar, juntar a lenha e a arrecadá-la pouco a pouco, enquanto nos dividimos em turnos de estudo escolar — uns de manhã e outros à tarde —, com o objectivo de ficarmos sempre a par da escola, com as aulas virtuais e trabalhos e comunicações à base do e-mail.

Nas nossas horas livres de trabalhos, dedicamo-nos a jogar futebol, às cartas, a andar de skate e, para não ficarmos desactualizados do que se anda a passar com o Mundo lá fora, passamos algumas horas na internet.

Eu, Júnior, estou farto deste tempo difícil que passa todo o Mundo e só peço que isto acabe rápido, pois as saudades dos momentos de escola já são tantas que só quero ir para a escola o mais rápido possível. ❑

BEIRE — Do Bonfim até Malanje...

Um admirador

Rastos de ternura... Eles iam em trabalho. Levaram-me, *para ficar a conhecer a tão falada Karianga*. Mais que "conhecer" acabei por aclarar (*com+**TEMPL**+ar!*...)[1] coisas que andavam cá a pedir mais luz – o moinho (*ermitério*) de P.e Telmo e a *mulemba,* do livro *A Mulemba e o Grão de Areia,* ed Alforria, 2014. Senti-me ter *olhos a menos* para captar tanta beleza e seus mistérios — sempre *de dor e amor.* Deixei-me "empapar" de todo. Precisava de silêncio para ruminar tamanha fartura. De volta à *Casa do Gaiato de Malanje,* todo eu *pingava,* de tão *empapado de ternura*. Por aquilo que vi e os meus ouvidos iam ouvindo da boca do Adão Vitelo — um gaiato malanjino que, ainda este ano, estudará na U. Católica do Porto. Para *fazer teologia*. Com votos meus de que não só faça teologia mas, sobretudo, se empape de teologia. Não dessa *teologia da treta* que, a dançar na cabeça, já baralhou tanta gente. É a *teologia do fariseus*... Dessa, NÃO mais. SIM, dessa teologia que Jesus de Nazaré, *in illo tempore,* **começou a revelar-nos** e que Pai Américo — já ***Venerável!*** — tão bem soube seguir de perto. Acabando — um e outro! — por nos encarregar a nós de a levarmos por diante. Recordo, dos evangelhos: — *Fareis mais do que eu, porque vireis depois de mim*...

Vínhamos de volta. Ali, naquele bocadinho de silêncio / estrada que separa a Karianga da Casa do Gaiato, *levantei voo*. Fui até ao cemitério do Bonfim: Parei diante da campa da Isaurinha. — *Nós somos o rasto de ternura que deixaste*... Desde há 30 anos que a placa está ali a dar testemunho. E a responsabilizar-nos por esse bocadinho de vida que dela recebemos. Particularmente nós os 4 que por cá ficamos e ali gravamos o nosso nome.

Do Bonfim, voltei a Malanje / Karianga. Pego n'*O Lodo e as Estrelas,* 3.a ed. 1985. Centro-me na 2ª parte — *Cambambe*. Tudo isto são ***rastos de ternura*** que espilra ainda desse ***Coração Grande*** que passou por aqui. A bater forte, em novos ritmos de amor. No peito de *Pai Telmo,* como eles ainda hoje gostam de dizer. Um coração que, ao passar, empapou terras, rapazes e famílias que com ele privaram. Dá gosto ver. Ouvir. Até comove tanta ternura por aqui esparramada!

Salta-me Pedro Casaldáliga, o "bispo do povo" — *profeta da Amazónia*. Ao imaginar-se já diante de Deus e o Seu *mostra-me os frutos do teu amor. — Aí, eu abro o peito e mostro a lista de pessoas que amei e por quem fui verdadeiramente amado*. Também diante de P.e Telmo, o Supremo Juiz vai ter dificuldade em ver o fim da lista...

Um bolinho atrás da porta... Parece que já tudo dorme. Preparo-me para fazer o mesmo. Ouço bater à porta. Pelo adiantado da hora, adivinho quem ele é. Mai-lo que ele quer: — *Sou o... Quero falar consigo*... Abro. Olhamo-nos nos olhos. Em silêncio, ambos sorrimos — cada um em *seu porquê... — Podia dar-me um chocolatito, sff, para eu dormir bem?!*... Sorrimos de novo, em silêncio. Afago-lhe aquela barrigaça que, se não lhe pomos travão, não para de crescer e pode ser-lhe fatal. — *É mesmo só um bocadinho, para dormir melhor*... Procuro do que sempre nos dão para eles. Encontro uns "ovinhos de codorniz"... Tiro um e dou-lho. Olha o saquito onde o ovo era. — *Não pode ser dois?!*... — *Não, filho, por causa dessa barriguita... O outro fica para amanhã... — Tá bem*. — E lá se foi a desembrulhar o ovito, para dormir bem...

Fico a ruminar experiências vivenciadas e teorias aprendidas. Sinto-me dividido. Entre um *deve-se-dar* e um *não-se-deve-dar*... Vou oitenta anos atrás. Aquando do nascimento dos meus *irmãos gémeos,* que se seguiram a mim. Salta-me uma experiência pessoal e uma prática de família em circunstâncias tais. Quando algum dos filhos pequeninos ***augava...***[2] Era o *bolinho atrás da porta*. Ali escondido de todos, a convite da mãe, ao lado do forno, quentinho, em dias de *cozer o pão*...

Hoje entendo assim: A mãe, mesmo dividida entre seus imensos *quefazeres,* dava-se conta de que um dos filhos andava a precisar de *um miminho especial*. *Só para aquele*. Algo que lhe testemunhasse que não andava esquecido. Ela era mãe. Dividida com outros filhos, mas não esquecida d'***aquele...*** Chamava-o. Os dois sabiam que, quando se coze o pão, sempre há um mimito para todos os que passam pela cozinha ao *deitar a fornada*... Eram os *bolinhos de pão quente*. Coisa que ficava ainda melhor se a mãe lhes fazia buraquinhos com o dedo e lhes deitava azeite. Um verdadeiro pitéu!... Que um dia também foi ***só para mim.*** Em sinal de distinção. A mãe a vigiar e eu *a lamber-me todo*... Em segredo. Só ela e eu, ali escondido.

1 — Gosto da palavra *contemplar*. Fala-me dessa **C**iência, **T**écnica e **A**rte (CTA) de *entrar no interior das coisas* (nesse TEMPLO "onde Deus habita"...). Aí onde *o coração vê mais longe que os olhos*... Porque tudo são "coisas" que se podem apreender / aprender, mas ninguém consegue ensinar a ninguém. Fazem parte das DES+***cobertas*** de cada um ao mergulhar no seu próprio interior: Para poder ***ver-se*** à luz diáfana da *Verdade que nos liberta* das ***cobertas*** das trevas da nossa ignorância (Jo 8, 31-42). Por isso é que raramente me esqueço de decompor esta palavra e de me / vo-la escrever como o fiz agora: **com+TEMPL+ar.**

2 — ***Augar*** (alteração de *aguar*) é contrair um conjunto de sintomas de que bem me lembro: palidez da pele, olhos arregalados, cabelo arrepiado, andar meio pasmado, ... Tudo devido à falta de atenção que uma criança precisa para crescer direito. E de que se vê privada pelo nascimento de um irmão, de uma doença da mãe, de um desentendimento familiar. Privada daquilo que precisa *como de pão para a boca* e/ou de água para beber... Sem ISSO, a vida é um andar *par'ali!*... Como quem diz, do jeito que sabe: — *se viver é isto, antes quero morrer*... ❑

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

ciência, antes a favorece. [...] *A fé favorece a saúde e o equilíbrio da inteligência, quando resolve os problemas angustiantes da origem e destino do homem, problemas que a razão por si só era impotente a resolver.*

Em várias épocas da história, as pestes dizimaram multidões de pessoas. Alguns exemplos, em território italiano: No ano 680, pontificado do Papa Agatão, a peste assolou principalmente Roma e Pavia; em 1500, outra epidemia alarmou Cápua; em 1522, outra vez, Roma; e, em 1575, Milão foi vítima do flagelo da peste. Desta cidade seria a mãe do mártir S. Sebastião [† 288, sendo imperador Diocleciano] e o berço da sua infância. Tal como nesses tempos e lugares e tantos outros, também em Portugal, em que houve grandes pestes depois das conquistas em África, invocamos o santo mais venerado entre nós, depois de Santo António, de opúsculo [autografado ao P.e Alcino Azevedo] do Padre Pinho Nunes — *Vida de S. Sebastião* [1940]: *Apartai de nós os terríveis flagelos da peste, da fome e da guerra. Atendei às súplicas dos que, em suas aflições, a vós recorrerem*.

O Papa Francisco pediu aos *sacerdotes para que tenham a coragem de sair e ir ao encontro dos doentes, levando a força da Palavra de Deus e a Eucaristia*. Neste âmbito e no seu tempo, o Padre Américo foi muito corajoso, conforme confidência eloquente: *Ao tempo corria a fama de um padre de Coimbra que não tinha medo dos contágios. Eu era motivo de curiosidade e muito perseguido. Sobretudo um homem desconhecido costuma acompanhar-me até à porta do edifício, aonde a doente morava, sem nada dizer. Um dia arrisca mais passos e sobe alguns degraus, mas não vai até ao fim. Por último foi. Uma vez dentro do cubículo, espreme-se para caber. Eu ia dar à doente a sagrada comunhão. Não há paramentos. Não há velas. Não há ritual. Não é sítio nem ocasião. Ali é o calvário! O desconhecido, silencioso, mira de pé. A doente ergue-se na cama a meio corpo, aponta Jesus Hóstia e impera: —* Ajoelhe-se e adore. *E o homem cai por terra! O desconhecido não subiu para isto. Ele era um dos que não acreditava, e cai por terra! Sabemos que não foi a palavra da leprosa. É, sim, a Presença Real de Jesus. Descemos sem falar. Nunca perguntei a ninguém quem ele era. É mais perfeito ignorar para viver maior certeza*.

Nesta Quaresma a sério, enquanto se treme de angústia, espera-se por uma vacina eficaz, alargada a todo o mundo, para que se salve o maior número possível de vidas humanas. Na procura crescente de bens essenciais, que os *últimos* estejam nas preocupações de todos. Na Igreja, há uma retaguarda orante, com experiência de vida de muitos séculos — os monges e as monjas de clausura. O Bispo de Avelino, em Itália, numa carta às Irmãs de clausura, pediu as suas orações, afirmando: *quanto mais estreito for o espaço, mais amplos serão os céus*.

Saúde, paz e bem para todos! Também a certeza da nossa pobre oração ao Médico Divino, pelas vítimas, enfermos e seus familiares, corajosos cuidadores da saúde e ministros da Igreja. ❑

SETÚBAL

Padre Acílio

Um carro

NO jornal pedi um automóvel. Dirão alguns: — *Que atrevimento?! Pedir um carro!*...

Sim, pode parecer para quem vive e pensa como o mundo. Não para quem confia na Providência. Para nós, é normal que peçamos quando não temos.

Ao longo da História Sagrada foi sempre habitual pedir. O próprio Jesus ousou afirmar: **«Pedi e recebereis».**

Já uma amiga me telefonou: — *Então P. Acílio já lhe deram o carro?*

— *Ainda não* —, respondi.

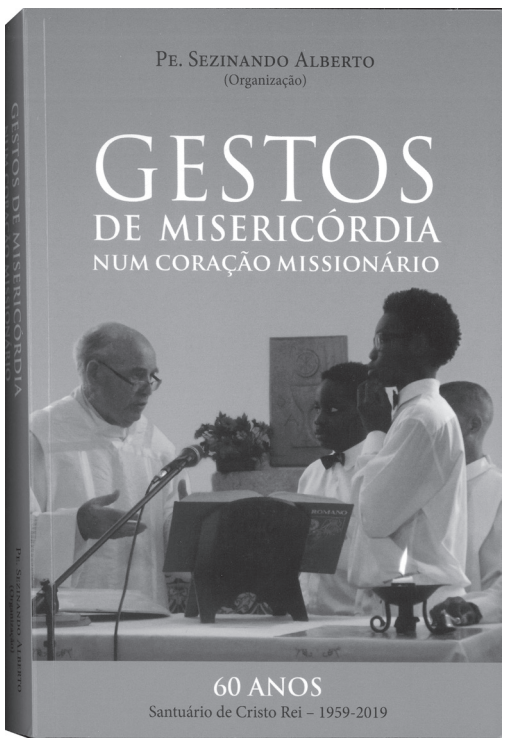
Se fosse hoje, feita a pergunta, responderia: — *Já, sim senhora! Já me deram um* Renault Clio *com três anos e pouco e 60.000 km. Está novo!*

— *Quem lho deu* —, voltarás a perguntar. Até tremo de júbilo. Quem me deu o veículo foi um senhor criado nesta Casa desde pequeno, que me trata por pai e ensina as suas crianças a chamarem-me avó.

Nunca pensei que alguns dos meus, se tivesse doído de mim e me oferecesse um carro. Dou muitas graças a Deus e alegro-me e peço aos meus leitores que façam o mesmo.

Não foi fabricante, que os há ao nosso redor, nem um concessionário, muito menos um homem rico. Foi um gaiato.

Se me vires por aí a conduzir um *Clio* vermelho, não te escandalizes com o padre. Alegra-te comigo e dá graças a Deus.



Meu livro

O P. Sezinandro pôs-lhe o título de *Gestos de misericórdia*. A primeira edição, de 500 exemplares, esgotou-se rapidamente. Mandei fazer mais 1000. Algumas paróquias acharam que o dito era interessante e bom para ajudar as pessoas à conversão e venderam uma dúzia, uma cinquentena, uma vintena, etc..

Hoje recebi o pedido de um Pároco de 50 livros a dizer: *«Quero divulgá-lo nas minhas Paróquias, li-o em dois dias e dou razão ao P. Sezinandro ao declarar que os padres com centros paroquiais deviam pôr nas mãos das assistentes e cuidadoras este livro»*. E acrescentou: *«Não só o pessoal dos centros, mas também os padres e os Bispos»*.

Esta é que eu nunca tinha ouvido, mas a gente sabe que um padreca da rua não ensina nada a ninguém. Ainda se fosse um Doutor ou um Professor vá que não vá, agora um *padre da rua!* Que sabe para ensinar ou entusiasmar gente tão alta? Nada.

Não sabemos nada, apenas, como dizia o nosso P. Américo, Cristo crucificado nos irmãos pobres e mais nada! ❑

PENSAMENTO

Pai Américo

Que venham ver todos esses Filósofos e esses Pensadores da Igualdade e da Fraternidade Humana, no que deram as suas doutrinas, ou por outra, que remédio trouxeram à Miséria, através de tanto progresso, de tanta luz, tanta ciência, tanta igualdade.

***O Barredo,* pg 71.**

Gaiato®

SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato
www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/**estatuto-editorial**/
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 17150
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Posto fora

QUANDO pomos alguém fora do nosso convívio, não podemos esperar que venha ele depois, por sua iniciativa, intervir em nosso favor em alguma situação difícil em que nos encontremos metidos, inesperadamente. Até podia ser que esse alguém tivesse poder e conhecimento privilegiado para nos ajudar a sair dessa dita situação, mas como o repudiamos do nosso convívio, orgulhosamente perdemos a sua preciosa colaboração. Isso acontece muitas vezes.

Foi num momento em que pensávamos que, sendo-nos tudo favorável, estava nas nossas mãos pôr e dispor da nossa vida a nosso belo prazer e conveniência. Cada vez mais cheios de nós, começámos a tratar os outros como objectos, como peças de xadrez com quem jogávamos segundo os nossos interesses. Não percebemos como tão insensatos estávamos a ser: Tão frágeis que, de facto, somos ou tão facilmente fragilizados por outros mais fortes, estamos sempre na iminência de uma rasteira nos entrelaçar os pés e fazer-nos estatelar no chão.

Pois isso mesmo aconteceu. Tínhamos um Amigo, que vaidosamente passámos a ignorar. Sendo Ele invisível, fomo-nos afastando d'Ele, até ao ponto de n'Ele deixarmos de acreditar. Passámos a conviver só com aquilo que as nossas mãos produziam.

Esquecemo-nos que a nossa vida se desenrola no meio de seres invisíveis: uns amigos, outros inimigos. Pois, alguns destes últimos, aproveitando o facto de termos posto fora do nosso convívio o Ser invisível que está sempre pronto a ajudar-nos, pois nunca Se esquece que foi Ele que nos criou, aproveitaram termos a casa limpa e varrida para entrarem nela e fazerem as suas tropelias, da qual a maior é matar. É o que estes seres mais gostam de fazer. E, ainda por cima, num momento em que, também muitos de nós, tinham aderido à mesma lei, matar, à qual uns simpaticamente deram o nome de "morte assistida" e outros de eutanásia. Já antes, haviam dado poder de lei a outra realidade semelhante, não deixando que milhares de crianças nascessem. Juntou-se, assim, o útil ao agradável para estes seres invisíveis, malignos.

E agora, o que fazer?

Este comportamento já é quase tão velho quanto a idade da humanidade. O caminho a seguir, para repor o convívio com quem é por nós, é sempre o mesmo: Humildade, escancarar as portas do coração para acolhermos o perdão do nosso Amigo, o nosso melhor e maior Amigo que fora posto fora, para que venha sanar um problema que criámos: Posto fora por nós, venha agora ajudar-nos a pôr fora aqueles outros seres invisíveis que nos colocaram nesta difícil situação.

Padre Júlio

SINAIS

Padre Telmo

CHEGOU hoje o nosso Adão para continuar os estudos no Seminário do Porto. Já fez filosofia no Seminário de Malanje — Angola. É nosso gaiato. Quer ser padre da Obra. Temos no Seminário de Malanje mais três — dois em filosofia e um no propedêutico.

É uma esperança… Crianças de Angola! Padre de Angola! Pai Américo foi a Angola. Abriu caminho — sonhou!

Quando em 1963 fomos: Eu e 10 rapazes para Malanje; Padre Manuel António com 10 rapazes para Benguela: abriu o sonho de Pai Américo em rosas.

Nossa presença é uma realidade viva e querida pelo Povo e seu Governo.

***

Na última quinzena O GAIATO fez 76 anos. Lindo e maravilhoso! Só muita pena a diminuição dos Leitores. Veio nas páginas centrais a *Colaboração dos Leitores*. É sempre uma surpresa agradável sentir e apreciar como ele é querido.

Muito triste os Leitores terem diminuído…

Vamos às Igrejas, às ruas, às Empresas? É um caminho. Ou que seja outro. ❑

19 de Março de 1932

VENHO hoje a este mirante fazer um bocadinho de história, dar uma novidade e pedir uma opinião. Conto para tanto com a piedosa benevolência do público e desde já entro na matéria.

A Sopa dos Pobres, criação do senhor D. Manuel Luiz Coelho da Silva, foi inaugurada por ele no dia 19 de Março de 1932. Nessa data andava eu enfermo e, como não pudesse trabalhar, roguei ao então meu Prelado que me deixasse ao menos visitar Pobres e cuidar da Sopa deles, serviço este compatível com as minhas dores de cabeça de então.

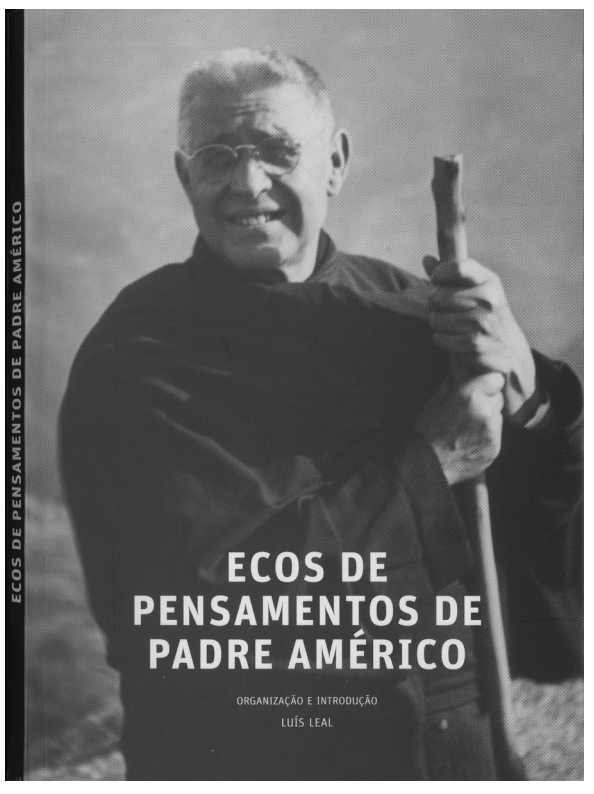
Dentro em breve tempo e em virtude dos apelos aqui feitos, começa a ser espantosa a lista semanal das ofertas vindas de todo o mundo e publicadas no *Correio de Coimbra:* da Europa, da África, da América, de todas as províncias do País. Por avião, por vapor, por comboio, por camioneta, de automóvel, em carro de bois, em mão própria. Nas ruas, nas estradas, nos eléctricos, nas igrejas, nos comboios, nos hospitais, nas casas. Roupas, calçado, livros, selos. Patos, perus, cabritos, coelhos, galinhas. Azeite, batatas, feijão, doces, farinha, mel, mercearias. E dinheiro; muito dinheiro; muitíssimo dinheiro. O meu Prelado chama-me a contas e pergunta-me por elas; eu digo-lhe que as não tenho nem as faço. Resposta pronta e textual: «A sua vida é um mistifório». E nunca mais me interrogou. Eis um bocadinho de história.

Segue-se a novidade. Dizem-me que esta prosa é muito procurada e muito lida e, por ser original, gabada por todo o mundo. Aquilo que nós queremos, facilmente acreditamos; e como eu desejaria que realmente assim fosse, dei em acreditar e aceitei o conselho de um amigo, o qual amigo está respigando a prosa desde o seu início para ser publicada em edição de dois mil volumes, a sair mui brevemente. É impossível que estes livros não sejam num instante adquiridos no mercado para dar lugar a outros tantos; não pelo que eles valem, mas sim pelo que eles são: pão de Pobres. Aqui tens a novidade.

Vamos agora à opinião. O livro há-de ter um nome, síntese da Sopa dos Pobres e da Obra da Rua, para o qual eu peço e aceito opiniões de todos. Parece que as mães, pelos trabalhos que passam e dores que sofrem, deveriam ter o privilégio de escolher o nome dos seus filhos; mas não. Elas preferem dar essa alegria aos outros. Também eu. Aceitarei, pois, aquele nome que me sugerires, a não ser que um anjo do Céu me diga outro diferente, como fez no caso de João Baptista, o filho de Zacarias!

PAI AMÉRICO

ECOS DE PENSAMENTOS DE PAI AMÉRICO



«Qual «livro de horas» ou "de cabeceira" a que urge sempre regressar como quem nunca dele se distancia, este que o estimado leitor tem em suas mãos propor-lhe-á, portanto, um exercício de leitura a fazer-se "a dois tempos": num primeiro, circunscrevendo-se à materialidade literária, conceptual, histórica e imagética dos «pensamentos» nele compilados e transcritos, poderá o leitor (re)conhecer algo do que foi, disse e fez este Homem, dos valores que defendeu e dos atropelos sociais que denunciou, dos seus projectos de resposta aos problemas com que se deparou e do mundo que lhe foi dado viver; num segundo momento, poderá o leitor partir em viagem ao encontro das vidas e das histórias daqueles cujos nomes constam no final do livro e, assumindo o sempre hipotético jogo da intuição, entrever os motivos que os terão levado a propor estes trechos como merecedores de presença nesta (espécie de) antologia.

Assim sendo, poder-se-á concluir que não estamos diante de (apenas) mais um "retrato" de Padre Américo, da sua Obra e do seu mundo; é (também e, porventura, sobretudo) um "retrato de retratos", um retrato "em espelho" desses sulcos profundos deixados pelo arado cortante da palavra-vida-obra desse Homem na memória e na vida de cada um destes seus "amigos". Cumpre-se assim, também aqui, uma das maiores riquezas (e) características desta Obra (escrita e social): sendo os textos de Padre Américo n'O Gaiato verdadeira e cristalina fonte (historiográfica) onde poderemos sempre regressar quando a sede de conhecimento (do seu e nosso tempo) a tal nos impelir, tais textos-pensamentos revelam-se aqui também verdadeiro alimento (literário-espiritual) disposto a saciar, tal como o tem feito desde 5 de Março de 1944, todos aqueles que sentem semelhante fome. Que o leitor o faça também seu (o retrato, este Homem, esta Obra e este mundo) é desafio a que apenas a sua liberdade e consciência poderão responder, pois «A memória guarda e o espírito em qualquer altura vivifica.» — Da *Introdução* do Dr. Luís Leal.

Os pedidos podem ser dirigidos à Editora *Modo de Ler,* telef. 222 010 458, e-mail: mododeler@gmail.com, ou à Editorial Casa do Gaiato, telef. 255 752 285; e-mail: geral@obradarua.pt ❑

Página da OBRA DA RUA na *internet*

Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
  - — Edição digital
  - — Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ❑